FERNANDO CORREIA

A MASCARA

1 acto em prosa

PQ
9261
C624M37
1915
c.1
ROBARTS

MOURA MARQUES :
LIVREIRO-EDITOR :
LARGO MIGUEL BOMBARDA — COIMBRA :

Ao Sr. Antonio de Rocha [illegible]
offr.ce este ensaio.

[illegible]

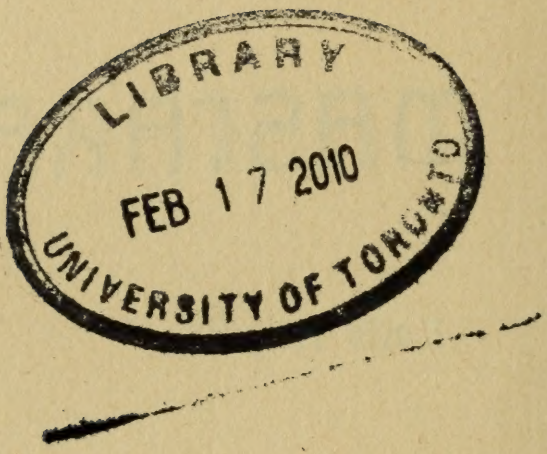
A MASCARA

FERNANDO CORREIA

A MASCARA

1 acto em prosa

MOURA MARQUES :
LIVREIRO-EDITOR :
LARGO MIGUEL BOMBARDA — COIMBRA :


LIBRARY
FEB 17 2010
UNIVERSITY OF TORONTO

Maria Ignacia — 19 anos

Ignez — 18 anos

Luiz Duarte — 21 anos

Sala elegante junto a um salão de baile. Quando sobe o pano não está ninguem em scena * * * * * *
Entra Ignez com Maria Ignacia, que procura o leque por toda a sala *

Scena I

MARIA IGNACIA. Um calor horrivel...

IGNEZ. Não é caso para taes espantos... Dir-se-ha que nunca estiveste num baile...

MARIA IGNACIA *(começando a abanar-se com o leque que acaba de encontrar).* Até que emfim!... Se eu estava certa de que o tinha trazido...

IGNEZ. E' linda esta ultima valsa que tocaram e dança-se admiravelmente... Espera... Tu não dançaste... Não te convidaram?

MARIA IGNACIA *(distraidamente).* Não...

IGNEZ. Ah! Mas houve rapazes que ficaram de pé...

MARIA IGNACIA *(emendando).* ... ou antes, convidaram... Eu é que não quiz dançar. *(abanando-se nervosamente com o leque.)* Muito calor...

IGNEZ. Lá voltas tu!... Nada, estou a ver que ha ahi razão de maior peso... Mas tu nunca te importaste com rapazes... Alguem deixou de te convidar...

MARIA IGNACIA. Eu?... Não... Isso sim... *(mudando de conversa)* Tu é que tens tido uma noite divertida... Quantas vezes dançaste já com o Castro?... *(Pausa. Ignez está distraida).*

IGNEZ. O' Maria Ignacia, os rapazes gostam muito mais das raparigas do que nós d'eles, não é assim?...

MARIA IGNACIA. Porque dizes isso?...

IGNEZ. Ora vê tu: o Castro, coitado, apanhou uma enorme constipação só para me vir falar... E eu, com franqueza, se alguma vez sentisse um pouco mais de frio... bastava um espirro, fugia logo...

MARIA IGNACIA. Mas nunca sentiste esse tal frio...

IGNEZ. Mas se o sentisse... era logo...

MARIA IGNACIA. Mas tu gostas d'ele...

IGNEZ *(como condescendendo)*. Gosto... mas é outro gostar, diferente do que tu julgas... Olha, ha ocasiões em que me lembro mais d'aquele actor bonito que costuma aparecer nas fitas de animatografo...

MARIA IGNACIA *(escandalisada)*. E' o teu noivo...

IGNEZ. Bem sei: um companheiro. A gente neste mundo tem de se sugeitar... Calcula tu que em me faltando o meu pae não poderia saír de casa nem ir ao teatro nem ao club... Tu tens um irmão, não sabes o que são essas coisas...

MARIA IGNACIA. E' então para isso que queres marido? Para te acompanhar? Tu não has-de andar sempre na rua... Que papel lhe reservas em casa?...

IGNEZ. Eu sei lá!... Eu quero-o para me acompanhar...

MARIA IGNACIA. E quando tiveres filhos e que tenhas de ficar em casa para cuidar d'eles, despedes o teu marido? Já te não serve...

IGNEZ. Ah! não... Uma bôa ama cuidará d'eles e depois procurarei *miss*, ingleza... Gosto mais das inglezas...

MARIA IGNACIA. E elas é que te hão-de educar os filhos?

IGNEZ. Fica sabendo que as ha muito boas...

MARIA IGNACIA. Queres andar então sempre na rua... Mas se tu não tens horas certas de estares em casa e queres que o teu marido te acompanhe sempre...

IGNEZ. ... Decerto.

MARIA IGNACIA. ... Como ha-de ele ganhar para te sustentar a casa?...

IGNEZ. Tem um bom emprego...

MARIA IGNACIA. Pois sim, mas não indo lá... não trabalhando...

IGNEZ. D'algum modo se ha-de arranjar... Tu é que tiveste sempre umas ideias muito esquisitas a esse respeito... Nunca tiveste um namôro, pois não?

MARIA IGNACIA. Não. E sabes uma das razões? Foi o achar sempre d'um ridiculo perfeito o gargarejo que é, afinal, o que para ahi se vê mais...

IGNEZ. Mas que mal tem?

MARIA IGNACIA. O' filha, com franqueza!... Só os sinaes que eles fazem para serem ouvidos... *(comica, andando em scena, a imitar).* Os assobios... Um é a «Tosca» outro a «Viuva Alegre» outro, sei lá, a «Maria Cachucha...» E quando não teem ouvido!... Uma palhacice...

IGNEZ. Ora, ora... Bem vês que de algum modo se ha-de combinar... Sempre assim foi e não vale a pena ir tocar numa coisa que tem tão pouca importancia...

MARIA IGNACIA. O Castro já não me lembro do que assobiava. Aquilo á volta do Colegio parecia um viveiro de passaros... O que nunca cheguei a perceber foi como tu começaste...

IGNEZ. Ora... todas tinham namoros no Colegio e depois os rapazes diriam, d'aquelas que os não tivessem, que eram feias e que sei eu... A gente ás vezes por uma pequena coisa altera todo o seu futuro... E a verdade é que tinha de ser e algum havia de ser o escolhido... Foi o Castro.

MARIA IGNACIA. Mas porque não lhe escrevias antes? Sabes que nas cartas lê-se mais do que nas frases ditas deante de nós em que nunca se é completamente verdadeiro...

IGNEZ. O quê? As cartas? Que massada... Eu, desde que comecei, escrevi umas tres vezes... Entretanto, falo todas as noites...

MARIA IGNACIA. Eu não me refiro aos que escrevem todos os dias...

IGNEZ. Seja como fôr, a carta é sempre um disparate... E foi por isso que tu nunca escolheste...

MARIA IGNACIA. Ora...

IGNEZ. Has-de ser feliz... *(Pausa).*

MARIA IGNACIA. Talvez mais do que imaginas... *(caindo em si)* Ah!...

IGNEZ *(sem perceber).* O quê? O quê?...

MARIA IGNACIA. Nada... *(nervosa).* Estava eu agora a pensar onde estarás tu d'aqui a dez anos... e eu... e...

IGNEZ. E...

MARIA IGNACIA. E ninguem... Tu e o teu senhor...

IGNEZ. Era isso que tu estavas a pensar? *(confusão de Maria Ignacia).* Ah! Maria Ignacia, tu és um amor de pequena, como diz a D. Maria... Mas hoje não estás como costumas... Esse calor todo e o cançaço em ti, que achas sempre poucas as valsas...

MARIA IGNACIA. Não estou... Tens razão. Fui má para contigo... Logo que te pedi para saires da sala devia ter-te contado tudo, mas o que queres? A gente, ás vezes, não se entende a si

propria... desconfia-se de todos... Parece-nos que por toda a parte escutam as nossas palavras... E depois uma timidez!... Calcula que já uma vez tive medo d'um vestido meu quando abria, ao anoitecer, o guarda vestidos... Pareceu-me que tinha visto alguem lá dentro... Fui má... Perdôa, sim?

IGNEZ. Mas então?...

MARIA IGNACIA. Ah! Não imaginas como tenho passado aflicta toda a noite. Precisava de desabafar com alguem, mas o maldito mêdo não sei de quê...

IGNEZ. Não te compreendo...

MARIA IGNACIA. Escuta. Lembras-te de uma vez te ler um trecho d'um escrito meu que te disse que pertencia a um romance que começára a escrever?...

IGNEZ. Sim, tenho uma ideia... Uma coisa com muitas filosofias... Isto de literatas...

MARIA IGNACIA. Pois bem. O romance de que te falei nunca existiu e aquilo era o trecho d'uma carta...

IGNEZ. Uma carta?...

MARIA IGNACIA. Sim. Ouve. Aqui ha uns mezes lembrei-me um dia d'uma coisa esquisita. Mandei para um jornal um anuncio em que pouco mais ou menos dizia isto: «Menina de 18 anos, de familia distinta e com ilustração regular, adorando a literatura mas não frequentando meios

literarios, estimaria ter correspondencia com cavalheiro correto e ilustrado. Mantem-se rigoroso anonimo. Carta á redação com as iniciaes L. M. » Como podes calcular recebi varias respostas ao anuncio...

IGNEZ. Pois houve alguem que respondesse?...

MARIA IGNACIA. Então!... Os criterios é que eram muito diversos... Houve um que, em resposta, me mandou uma declaração de amor. Outro afiançava que sabia quem eu era e que o estilo, idade e iniciaes correspondiam a uma dada pessoa...

IGNEZ. Calcula o que podias ter arranjado...

MARIA IGNACIA. Isso sim... Mas repara, um d'eles respondeu-me com outro anuncio que me mandou com um signal. Dizia que um cavalheiro de fortuna e posição, querendo relacionar-se com pessoas de boas familias, desejava encontrar qualquer modo de obter relações, por correspondencia por exemplo... E outros assim disparatados... Houve um, entretanto, d'uma cidade da provincia, que me escreveu uma carta sensatissima. Adorava egualmente a literatura e mais, interessavam-no sobre modo os estudos de psicologia feminina. Manteria o anonimo e não procuraria desvendar o meu. E acrescentava mais umas considerações: que só assim, sem preocupações de que soubessem quem era, eu me mostraria tal qual sou, e mais ainda... Isto num estilo elegante e correto. Puz de parte todos os outros e comecei a correspon-

der-me com L. D., o meu Eldet, como eu lhe chamava afrancezando a pronuncia das iniciaes que me mandara. Escrevi-lhe desde então duas vezes por semana e as nossas cartas constituem, acredita, uma coleção interessantissima... Eu mostro-t'as se quizeres...

IGNEZ. Deus me livre, tudo literatices, não?

MARIA IGNACIA. Não é o que julgas. Bom, mas o caso é que a correspondencia nunca esfriou e eu falava-lhe de tudo sem preocupações nenhumas... Contava-lhe o que fazia, escrevia-lhe impressões do que se passava á roda de mim. Ele sempre correto e elegante na sua maneira de escrever e de pensar...

IGNEZ. E depois veio uma fada que vos deu mais juizo aos dois e acabou-se o conto como tinha começado...

MARIA IGNACIA. Pateta!... Nada d'isso. Depois é que foi o peor. Ha dias escrevi-lhe dizendo que ia a um baile de mascaras, embora muito contrariada, mas que a minha familia tinha resolvido e ia com certeza. E dizia-lhe onde era o baile sem pensar que isso podia ter consequencias. Sabes o que me respondeu?...

IGNEZ. Eu sei lá!... Declarou-se apaixonado por ti e aproveitou a ocasião para te proibir de ires ao baile...

MARIA IGNACIA. Isso sim. O baile era este e a carta d'ele dizia: « O seu Eldet chama-se Luiz

Duarte e procura-la-ha no baile de domingo gordo ». Fiquei como podes calcular... Pensei em não vir, pretextando doença, qualquer coisa emfim. Mas resolvi-me afinal e aqui estou... Soube logo qual era ele e tenho-o seguido, fugindo-lhe. Tem pedido apresentação para quasi todas as raparigas...

IGNEZ *(vendo o « carnet »)*. Para mim não...

MARIA IGNACIA. E' natural: viu-te com o Castro. Mas a não ser tu e mais duas raparigas que cá teem os noivos apenas falto eu. Não poderia escapar. Por isso fugi...

IGNEZ. Mas ele não deixa de ahi vir...

MARIA IGNACIA. Pois é isso que eu temo. Mas tu ajuda-me Ignez... Vê se descobres maneira de me livrar...

IGNEZ. Essa cabecinha... E tu ainda não contaste nada a ninguem?

MARIA IGNACIA. Só agora, a ti.

IGNEZ. Nem á *miss?*

MARIA IGNACIA. A *miss*, coitada, é boa pequena mas não me compreenderia... Estes costumes inglezes... Noutro dia, calcula, estava eu a conversar com aquele sujeito gordo amigo do meu pae e ela perguntou-me depois, com a maior naturalidade do mundo, se ele era o meu noivo...

IGNEZ. Que horror!

MARIA IGNACIA. Imagina!... *(Luiz Duarte atravessa pela porta do fundo)*. Viste?...

IGNEZ. Mas que mêdo te causa o rapaz!... Dir-se-hia...

MARIA IGNACIA *(baixinho)*. E é verdade, Ignez. Eu gosto muito d'ele... Não é positivamente d'esses rapazes de quem nós as mulheres em geral gostamos, bonitos, fortes e perfeitos fisicamente em tudo... Mas o espirito vale mais *(entusiasmando-se)*. O homem sem espirito é um animal bem vestido que se barbeia e mente... Nada mais... E o Luiz Duarte não é assim... *(noutro tom)*. Ele viu-nos?...

IGNEZ. E' natural... Não sei se nos conheceria... Estavamos um pouco de lado...

MARIA IGNACIA. Talvez... *(pausa)*.

IGNEZ. Mas, ouve cá, se gostas d'ele porque estás com tanto mêdo, vindo aqui por tua causa?...

MARIA IGNACIA. Ah! Não reparaste no que te contei...

IGNEZ. Não reparei?

MARIA IGNACIA. Parece que não... Pois não vês que eu, julgando que ele nunca me conheceria mantendo o meu anonimo, lhe disse tudo o que pensava, a respeito de todas as coisas... E ele assim, sem o ter preparado, sei lá bem o que pensará!... Tudo menos gostar de mim...

IGNEZ. Não sei...

(Luiz Duarte passa ao fundo, com um dominó vestido e um saco de papelinhos. Vê-as e entra).

Scena II

LUIZ DUARTE *(avançando com precaução, olhando-as muito).* Muito boas noites minhas senhoras... *(Elas ficam comprometidas. Ele aproxima-se e deita-lhes papelinhos, rindo).*

IGNEZ. Ah!... Assim não vale... A' traição...

LUIZ DUARTE. Tinham fugido da sala, foi o castigo...

MARIA IGNACIA. Fugido?...

LUIZ DUARTE *(para Maria Ignacia).* E principalmente v. ex.ª...

MARIA IGNACIA. Eu?...

LUIZ DUARTE. Sim, minha senhora... Já só me faltava ser apresentado a v. ex.ª... e então tomei a liberdade...

IGNEZ. A mim tambem ninguem o apresentou...

LUIZ DUARTE. Perdão... mas como tenho visto sempre ao lado de v. ex.ª o seu noivo...

IGNEZ. *(rindo).* Noivo!... Quem lhe disse que era meu noivo?...

(Maria Ignacia olha-a espantada. Luiz Duarte fica comprometido).

LUIZ DUARTE. Ah!... Julguei... tanto que imaginava que, das senhoras que dançavam, apenas me faltava ser apresentado a v. ex.ª *(para Maria Ignacia)* e atrevi-me por isso, como era carnaval, a falar-lhe assim mesmo... Mil perdões, minha senhora...

MARIA IGNACIA. Ora essa...

IGNEZ. Nós já sabiamos quem o senhor era...

LUIZ DUARTE. Quem eu era?... *(sobresaltado).*

IGNEZ. Sim, por o vermos dançar com outras pequenas...

LUIZ DUARTE. Ah!... *(pausa).* Pois julguei que era o noivo de v. ex.ª...

IGNEZ. O meu noivo terá de obedecer a certos requisitos que não interessam a muitas raparigas... e aquele não está nos casos...

MARIA IGNACIA. O quê? *(sem perceber).*

IGNEZ. Claro que não... O meu deverá ser um rapaz inteligente e sensato, que saiba escrever bem e não diga disparates... Esta minha amiga não acha que eu tenha razão. Prefere um que seja apenas, quando marido, um companheiro que nunca a deixe e detesta a correspondencia... Ela já quasi nem sabe escrever... *(para Maria Ignacia)* Ha quanto tempo não escreves tu?...

MARIA IGNACIA *(percebendo agora o jogo de Ignez e contendo o riso).* Eu sei lá...

IGNEZ. E olhe que é uma pena, porque tinha uma certa habilidade, no colegio, e é uma rapariga simpatica, não é assim?

LUIZ DUARTE. Decerto...

IGNEZ. E' um amor de pequena, aqui onde a vê. E' pena não querer escrever a ninguem... Aconselhe-a...

MARIA IGNACIA. Então...

LUIZ DUARTE *(não percebendo nada).* E' realmente lamentavel que v. ex.ª tendo a vocação que esta senhora me diz...

IGNEZ. Eu é que escrevo a proposito de tudo... e de nada...

LUIZ DUARTE. Escritos que devem ser adoraveis...

IGNEZ. Pode haver quem assim os julgue...

LUIZ DUARTE. E os que assim pensarem teem por certo uma excelente opinião...

IGNEZ. Não sei porque diga isso, nunca os tendo lido...

LUIZ DUARTE. E' que eu... *(Pausa. Noutro tom)* Mas esta senhora detesta de tal modo a literatura?

IGNEZ. Isso sim!... Ela tem uma biblioteca enorme de contos policiaes... e de fadas...

MARIA IGNACIA *(sem expressão).* Tambem gosto de literatura...

LUIZ DUARTE *(para Ignez)*. Sendo amiga de v. ex.ª creio que qualquer pessoa ha-de apreciar a literatura...

MARIA IGNACIA. A minha amiga tem mudado ha uns tempos para cá...

LUIZ DUARTE *(sobresaltado)*. Ha uns tempos para cá?

IGNEZ. Deixem lá isso... *(para Luiz Duarte)* O senhor parece-me tambem pessoa divertida embora um tanto filosofo...

LUIZ DUARTE. Não sei porquê?

IGNEZ. E' um palpite... Acertei ou não?...

LUIZ DUARTE. V. ex.ª deve acertar sempre...

IGNEZ. Muito obrigada... *(pausa)*. E' verdade, vae-nos dar a sua opinião... Estavamos a falar d'um assunto sério em domingo gordo, mas emfim... O que lhe parece, os homens gostam mais das mulheres ou as mulheres dos homens?

LUIZ DUARTE. Mas, minha senhora, da mulher gosta-se sempre...

IGNEZ. Assim não vale... E' que eu digo que as mulheres não gostam nunca dos homens...

MARIA IGNACIA. Que ideia!...

LUIZ DUARTE. Houve um escritor pouco amavel que teve a audacia de dizer... nem me atrevo a repetir...

IGNEZ. Repita...

MARIA IGNACIA. Diga sempre...

LUIZ DUARTE. Pois bem, atreveu-se a dizer que as mulheres teem a particularidade de gostarem dos homens que não gostam d'elas, ou que *já* não gostam d'elas, embora tivessem gostado, em tempos em que neles nem reparavam...

IGNEZ *(com ar sério)*. E olhe que o homem tem razão. As mulheres em geral mostram que amam os outros para serem adoradas por eles. Em o sendo, desdenham dos que as elevaram...

LUIZ DUARTE. V. ex.ª zomba de mim...

IGNEZ. Credo! D'um cavalheiro que eu nem conheço... E que conhecesse... Que me deitou papelinhos...

LUIZ DUARTE. Papelinhos?...

IGNEZ. Não calcula o encanto que eu acho aos papelinhos... Encanto e respeito. Só lembrar-me da quantidade de disparates que neles cabiam se não fossem tão pequeninos...

LUIZ DUARTE. V. ex.ª parece que tem visto muitos papeis inutilizados por esse modo...

IGNEZ. Por mim?

LUIZ DUARTE. Que ideia! Por outrem...

IGNEZ *(olhando para Maria Ignacia)*. E olhe que tenho visto realmente alguns...

LUIZ DUARTE *(com tristeza)*. E gastava ainda tempo a ler taes disparates?

IGNEZ. O que quer?... E' a força do destino...

LUIZ DUARTE. Mas, agora reparo que tenho estado a incomodar v. ex.as que nem sequer sabem quem eu sou...

IGNEZ. Engana-se... Gosto imenso de falar com um desconhecido...

LUIZ DUARTE *(alegrando-se)*. Gosta imenso?...

IGNEZ. E' que tem um sabor especial. Isto de saber quem é uma pessoa depois de ter estado a falar com ela muito tempo é como vêr o retrato d'um bom escritor depois de ter lido as obras d'ele... Tem-se sempre uma desilusão. Não acha?...

LUIZ DUARTE. Conforme... Ha escritores que são excelentes figuras...

IGNEZ. Mas nunca podem ter o aspecto que cada pessoa imaginou ao ler-lhes as obras... a não ser que tivessem tantos corpos como leitores... *(vendo Luiz Duarte pensativo)*. O senhor parece que não gostou... Tambem é escritor?...

LUIZ DUARTE. Não, minha senhora... Estava-me a lembrar agora d'uma coisa, mas não me atrevo a pergunta-la...

IGNEZ. A mim ou á minha amiga?...

LUIZ DUARTE. Era a v. ex.a.

IGNEZ. Mas então pergunte... Peço-lh'o eu.

LUIZ DUARTE. E' que eu não sei o nome de v. ex.a.

IGNEZ. Sou Ignez... Mas o que me queria então?...

LUIZ DUARTE. Era só isso... o nome...

IGNEZ. Pois sou Ignez... E' um nome bonito, não é?

LUIZ DUARTE. Decerto...

IGNEZ. Oh! senhor, não diga isso. Pois o meu nome é lá bonito!... Se eu me chamasse Maria Ignacia...

LUIZ DUARTE. Ah! não gosto. Ignez, sim, é bonito...

IGNEZ. Pois é o nome da minha amiga: Maria Ignacia...

LUIZ DUARTE *(para Maria Ignacia).* Mas perdão, minha senhora...

MARIA IGNACIA. Não faz mal... Não é a primeira pessoa que m'o diz... E eu gosto, vê...

LUIZ DUARTE *(atrapalhado).* Eu tambem...

IGNEZ. Cale-se... O senhor não gosta de nada... E de pessoas não sei... *(bruscamente).* Gosta da minha amiga?...

LUIZ DUARTE. Mas... minha senhora...

MARIA IGNACIA. Ignez...

IGNEZ. Pois tem cara d'isso. Se ela escrevesse talvez gostasse... Oiça lá, o senhor o que prefere na mulher? A beleza ou o espirito?

LUIZ DUARTE. A beleza sem o espirito é bem a flor sem aroma... Um rio sem agua... Um dia de primavera sem sol... Uma linda paisagem em dia de nevoeiro... Qualquer coisa de parecido com a Venus de Milo de saia travada... Um

guarda joias fechado e a que se perdeu a chave... Não é assim minha senhora?

IGNEZ. Sim senhor, com essas filosofias não sei onde irá parar... Somos então dois rios sem agua ou eu serei o guarda joias fechado e a minha amiga a flor?...

LUIZ DUARTE. Pelo amor de Deus, minha senhora!... Como poude sequer imaginar que eu dissesse o que ouviram se não estivesse convencido de que nada é aplicavel a vocelencias?...

IGNEZ. Bom, bom, cá me parecia... Eu sou muito vaidosa, sabe?...

LUIZ DUARTE. E não o sendo perderia muitas ocasiões que tem de se sentir vaidosa... Por exemplo, de ter uma amiga a quem conta os seus segredos e a quem estão confiados o melhor possivel... *(olha para Maria Ignacia).*

IGNEZ. Isso é verdade...

LUIZ DUARTE. D'uma discreção e lealdade perfeitas...

IGNEZ. Não ha duvida.

LUIZ DUARTE. O que me permite... dizer a v. ex.ª...

IGNEZ. Dizer-me a mim...

LUIZ DUARTE. Em quem eu reconheci aquela que se ocultava sob as letras L. M....

IGNEZ. O quê?...

LUIZ DUARTE *(continuando).* ...que aquele L. D. que muito bem conhece, tendo a confirma-

ção da superioridade que já reconhecera no seu espirito...

IGNEZ. No meu espirito?...

LUIZ DUARTE. ...no espirito de v. ex.ª... pede autorização para deixar de ser o correspondente anonimo que tem sido, para não ter que faltar a uma promessa feita, dizendo-lhe que ha muito tempo compreendeu que a ama imenso...

IGNEZ *(fingindo não perceber)*. Mas então...

LUIZ DUARTE. Sou eu o seu Eldet...

IGNEZ. O meu quê?...

LUIZ DUARTE. Sim... Pelo amor de Deus não zombe de mim...

IGNEZ. Pois o senhor disse que era o meu não sei quê...

LUIZ DUARTE. Não era como me chamava?... o seu Eldet?...

IGNEZ. Juro-lhe não... Está enganado. Só hoje ouvi falar do senhor...

LUIZ DUARTE. Mas isso é verdade?...

IGNEZ. Juro-lh'o.

LUIZ DUARTE *(caindo em si)*. Oh! que vergonha para mim! Mil perdões minha senhora... minhas senhoras! *(vae-se aproximando da porta)* Que vergonha!... *(sae)*.

Scena III

(Pausa. Maria Ignacia olha para Ignez, ficando as duas hesitantes um momento).

IGNEZ *(dirigindo-se para a porta e chamando)* O' senhor... *(não se lembra do nome e dá tempo a que Maria Ignacia a segure por um braço).*

MARIA IGNACIA. O que ias fazer?...

IGNEZ. Oh! filha, pois hei-de consentir numa coisa destas?... O rapaz vae-se embora e não volta aqui...

MARIA IGNACIA. E depois?...

IGNEZ. E depois!... não pode ser... De mais disse-lhe que o Castro não é o meu noivo e preciso de lhe mostrar que sim... e que estive a brincar com ele... E depois tu... principalmente tu...

MARIA IGNACIA. Eu?... Bem vês, é carnaval... Ficaste com a mascara e ele não te conheceu... Julgou que era eu...

IGNEZ. E ficas muito satisfeita...

MARIA IGNACIA. Mas porque não?... O que eu queria saber ele proprio o disse aqui...

IGNEZ. E então?...

MARIA IGNACIA. E então... apezar do que eu temia ele gosta de mim... Já não tenho calor... Voltâmos para o salão?...

Coimbra — dezembro de 1914.